

# CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. IV | Nº 56 - JULHO 2025

DEMOCRACIA?

CONSTITUIÇÃO

RACISMO?

DICTIONARY

UMA NAÇÃO  
PERDIDA

# EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

---

**Leandro Costa - Editor-Chefe**  
**Munique Costa - Designer de capa**  
**Pedro Costa - Editor Auxiliar**

---

## **Produção e Designer**

Leandro Costa  
Munique Costa

## **Redação**

Leandro Costa  
Munique Costa  
Pedro Costa

## **Colunistas**

Danielly Jesus  
Juliette Oliveira  
Leandro Costa  
Mauricio Motta

---

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

---

[www.revistaconhecimentocidadania.com](http://www.revistaconhecimentocidadania.com)

 [Vaquinha online](#)

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 [revistaconhecimentocidadania@gmail.com](mailto:revistaconhecimentocidadania@gmail.com)

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @RevConhecimento

 @conhecimentocidadania



# Leandro Costa

## EDITOR-CHEFE

Servidor público,  
professor de Direito,  
idealizador do projeto  
Direito nas Escolas, autor  
do livro: Direito nas Escolas  
e Diretor na Associação  
Brasileira de Juristas  
Conservadores.

[www.leandroconservadorrj.com](http://www.leandroconservadorrj.com)

Revista Conhecimento &  
Cidadania

Vol. IV – N° 56

Julho de 2025

Rio de Janeiro – RJ

Menezes Costa

CNPJ 28.814.886/0001-26

ISSN 2764-3867

# COLUNISTAS

## LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

## DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

## MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

## JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

## Uma nação perdida



A Torre de Babel ruiu quando os homens que conduziam sua construção se perderam em línguas diversas e não conseguiram mais se comunicar. Deus fez com que os responsáveis pela obra que pretendia afrontar o poder divino e elevar o governante daquelas terras aos céus, para que pudesse ocupar um trono mais alto que o do criador, perdessem o rumo e não mais pudessem erguê-la.

Não se trata de um caso isolado em que os homens perdem a noção de suas limitações e tentam, inutilmente, dobrar a própria realidade para que seus sonhos se realizem, mesmo quando se tratam de utopias. Os governos coletivistas da primeira metade do século XX, que acabaram por desencadear a II Guerra Mundial e a chamada Guerra Fria, prometiam sonhos irrealizáveis caso seus líderes fossem alçados a posições de líderes supremos. Buscavam o poder absoluto para promover o impossível, levando o mundo a uma guerra na qual o Eixo, prometendo uma civilização perfeita, acabou cobrindo de sangue humano grande parte do globo.

Após a II Guerra Mundial, a União Soviética, que anos antes havia exterminado muitos ucranianos em um processo, que alguns consideram desastroso e outros como intencionalmente nefasto, de morte pela fome, também conhecido como Holodomor, fato que foi encoberto pela máquina de propaganda soviética que ultrapassava as fronteiras daquela confederação. O Governo Soviético e seus apêndices, como governos socialistas do leste europeu e da Ásia, propagaram sua doentia ideologia pelo mundo através da criação e financiamento de partidos comunistas ligados diretamente ou não a Internacional Socialista, criando assim a chamada Guerra Fria.

Criaturas inescrupulosas, os socialistas difundiram suas ideias cooptando e formando intelectuais, artistas, ativistas e até sindicalistas, em que pese os dois últimos grupos serem, em regra, embrionários

dos movimentos socialistas. A União Soviética exportava seus ideais doentios por meio de propaganda, patrocinando organismos ou se aliando com simpatizantes do socialismo como os chamados sociais democratas, assim, era possível envenenar o ocidente com premissas cunhadas por pensadores amantes da revolução.

As redações foram tomadas por grupos que acreditavam na utopia da coletivização de meios de produções e, tão logo percebiam se tratar de uma mentira, deixavam a crença maldita para combatê-la como alguém que outrora professara uma fé que exige sacrifícios a demônios e denuncia os erros quando, tomado por uma epifania, verifica quão maligna era a sua crença.

O político Carlos Lacerda e o pensador Olavo de Carvalho, dois nomes que o Brasil jamais pode esquecer, são exemplos de figuras que conheceram as vísceras dos movimentos socialistas e se libertaram para denunciá-lo, entretanto, ambos sofreram grande resistência, sendo que Olavo, com o advento da informação descentralizada, conseguiu romper a barreira da chamada espiral do silêncio para expor a natureza abjeta dos revolucionários. Ambos alertavam para o mal que o socialismo era, entretanto, como a Academia e as redações estavam tomadas por amantes da mentirosa ideologia, foram tratados como teóricos da conspiração enquanto os verdadeiros cientistas fixavam diplomas em suas paredes e medalhas em seus bustos por assumirem falsas premissas como sustentáculo daquilo que chamariam de ciência no final do século passado.

Ressignificavam termos para que as pessoas perdessem a noção daquilo que realmente é certo e errado, bom e mau, belo e feio, bem como, justo e injusto, moral e reprovável para que pudessem reprogramar a realidade através da distorção de conceitos antes claros, de maneira que, expressões que tinham uma interpretação nítida passaram a ser alteradas, não em sua forma, mas em seu conceito, para servirem aos interesses dos líderes revolucionários, entretanto, como se tratava de algo artificial, construído sem fundações, naturalmente, tais estratagemas não se sustentam, pois, como uma narrativa descolada da realidade apresentará inconsistência, uma estrutura que se fundamenta sobre planos desconectados tende ao desabamento quando suas bases se movem em sentidos diversos.

Imaginemos que uma grande edificação seja construída sobre ilhas flutuantes que não se conectam, sendo levadas pela maré, caso em que, a obra ruirá quando cada ilha se mover em diferentes direções, por isso, é necessário ter como base um conceito sólido, evitando que toda uma edificação desmorone. Como o socialismo, e toda ideologia revolucionária, se baseia em premissas que não contam com a verdade, mas com a fome de seus líderes pelo poder, torna-se natural que os movimentos naturais acabem derrubando suas estruturas, desmontando a farsa que, uma vez insustentável, manter-se-á somente pela força, que se traduz no apego doentio pelo poder, a corrupção e o endividamento.

O apego pelo poder fica evidente quando o indivíduo se banqueteara da estrutura totalitária de tal forma que não se vê renunciando ao conforto que lhe foi dado, bem como, pela incapacidade de enfrentar as consequências de suas ações uma vez no trono. O tirano preferirá morrer como Joseph Stalin, no poder

e impune por suas ações malignas, considerando que revolucionários não creem na justiça divina, a morte é a forma de escapar do julgamento diante de suas atrocidades. Por outro lado, o destino de um déspota destituído poderá se assemelhar ao de Benito Mussolini ou Nicolae Ceausescu.

A corrupção é uma forma de manter os membros dos círculos de poder sob o controle ou, ao menos, alinhados aos revolucionários, pois um corrupto se locupleta de vantagens indevidas que os senhores do poder não deixaram de fornecer em troca de apoio ou servidão. Uma figura corrupta está disposta a precificar seus valores morais, portanto, se prostitui no sentido figurado, ao vender sua alma ao mal. Para os agentes da revolução, o corrupto é o aliado com o qual, tendo meios, sabe que poderá contar.

Os endividados são todos aqueles que, por algum motivo, se colocam na mira dos tiranos por serem chantageados em razão de alguma mácula que não pode ser exposta, aquilo que os soviéticos chamavam de “Kompromat”, uma espécie de dossiê que pode ser usada para acabar com a reputação ou incriminar àqueles que podem ser úteis aos interesses da revolução. Evidentemente, um corrupto é um endividado em potencial, haja vista que, uma vez que aceitou vantagem indevida, restará para o corruptor a possibilidade de chantageá-lo caso tente se voltar contra a revolução, ou mesmo, elevar seu valor além daquilo que o tirano está disposto a pagar.

Outra forma de endividamento é o indireto, uma espécie de gratidão que o indivíduo tem para com o regime, pois acredita, em regra, por ter sido ludibriado, que deve algo aos ocupantes do poder. As políticas assistencialistas ou aquelas voltadas ao benefício desigual de grupos que acreditam necessitar da proteção dos poderosos são meio de fazer com que, naturalmente, os agraciados tenham se apeguem a déspotas que lhes deram supostas vantagens em troca de afeto.

Não por acaso, autoridades do espectro de esquerda costumam ameaçar os dependentes do assistencialismo ou políticas que chamam de “inclusivas”, como as cotas, caso apoiem o outro espectro, insinuando que tais regalias lhes seriam retiradas, ou seja, deixando claro que tratam-se de medidas políticas que agraciam em troca de apoio. Não há como negar que, alguém agraciado por cotas tenderá a defender tal sistema mesmo que perceba ser algo injusto, posto que, uma vez beneficiado por tal injustiça, negar-se-á a admitir que em algum momento obteve uma vantagem indevida sobre terceiro como favor político, logo, sentirá o dever de defender e promover ainda mais medidas ditas inclusivas.

O problema é que a inclusão de uns acaba por, artificialmente, excluir outros, não criando um processo naturalmente justo, mas corrompido por interesses diversos com os dos beneficiados e seus benfeitores, que estarão dispostos a cobrar pelos favores assim que possível. Portanto, quando as políticas identitárias se conflitam, aquele que está no poder não buscará resolver tal embate de forma justa, mas avaliará qual lado será o mais vantajoso politicamente. Um bom exemplo é o conflito entre as ideias feministas, que dizem colocar as mulheres como merecedoras de proteção, e os movimentos transgêneros, que impedem a definição do que é mulher para que indivíduos possam se encaixar em tal categoria com base na sua simples declaração de vontade.

Para os movimentos que defendem a existência de homens e mulheres “trans”, expressões como homem e mulher perdem o seu real significado, sendo necessário acrescentar o termo “cis”, para informar que aqueles indivíduos são, realmente, aquilo que o termo original já os definia.

Ao tentar derrubar a barreira entre o que é um homem ou uma mulher real e aquele que pretende se identificar como sendo do sexo oposto e, especialmente, impondo a terceiros que se curvem a sua visão de vida, ainda que se isso importe renunciar a verdade, inseriu-se o termo “trans” para realocar tais indivíduos, entretanto, a criação desconectada da realidade se mostra falha quando se faz necessário o uso de tal expressão, evidenciando que a figura do homem “trans”, por exemplo, não tem o mesmo significado de homem, por isso, foi necessário rebatizar o homem como homem “cis”, algo que, com as devidas vênias, mantém a diferença entre ambos.

Restou aos poderosos impor medidas coercitivas para que os indivíduos tivessem que renunciar a verdade por medo de perderem sua liberdade, ou seja, em uma ilusão que não se sustenta, impede-se que alguém aponte que “o rei está nu”, criminalizando tudo aquilo que desagrade os poderosos. Temendo a repressão estatal, mais “eficiente” que a destinada aos verdadeiros criminosos, os cidadãos precisaram aceitar a mentira como única forma de se manterem livres, como aqueles que outrora foram obrigados a renunciar sua fé, algo comum nos regimes revolucionários.

Ressignificando o vernáculo, a tirania conseguia impor-se sem que suas reais intenções fossem flagrantes, de maneira que, os inimigos da revolução deixaram de ser reacionários ou conservadores para serem rotulados de fascista, por mais que fossem contrários ao que realmente o regime fascista de Mussolini pregava. A oposição ao aborto, à eugenia, ao totalitarismo, ao estatismo e até mesmo a proibição do armamento civil tornaram-se ideias associadas ao nazi-fascismo quando é evidente que tais regimes tinham postura exatamente contrária.

Banalizando e resignificando os termos para que servissem ao seu propósito, os líderes revolucionários passaram a chamar ditaduras, como a China, a Coreia do Norte e a extinta Alemanha Oriental de democracias ao passo que anulavam quaisquer vertentes de oposição, distorceram a ideia de soberania para que um grupo fizesse às vezes do povo ainda que contra o povo e deram a mídia, quase sempre controlado ou parceira do poder, o título de opinião pública, subtraindo, mais uma vez, uma característica que deveria ser do povo.

Nações tomadas pelo unipartidarismo que fingem que há soberania popular, parlamentos com eleições indiretas que solapam os verdadeiros representantes e, na sua mais nova versão, tribunais que se consideram mais democráticos que o parlamento enquanto tratam o verdadeiro soberano, que deveria ser o povo, como um aglomerado de pequenos tiranos.

A verdadeira tirania, que testou, com sucesso, um regime de exceção durante a pandemia, instaurou um sistema no qual a vontade da autoridade expressa em uma carta, deve ser cegamente cumprida, mesmo que afronte a realidade e não apresente qualquer justificativa. Durante os testes da

pandemia, houve quem impusesse aos cidadãos verdadeiro toque de recolher, se que ficasse claro qual a relação de contágio com o período noturno, bem como, a impossibilidade de adquirir determinados bens, isolando prateleiras nos mercados, algo que, igualmente, não foi explicado.

Recentemente, o aumento do percentual de etanol na gasolina, algo que era limitado com base no argumento de que um percentual elevado colocava em risco o funcionamento do motor dos veículos, logo, danificava os bens de terceiros em função do aumento do lucro dos postos, foi adotado com a premissa de manter o preço do combustível viável, ignorando totalmente o argumento que sustentava a proibição anterior. Restou evidente que a proibição anterior era uma farsa ou, ainda mais grave, que o aumento no percentual colocado em prática, visa um benefício político para o Governo atual que resultará em prejuízo, antes inadmissível, aos proprietários de veículo.

Ao perceber que não é preciso justificar suas ações perante o povo, uma vez que, tal aglomerado de pequenos tiranos não é digno de se julgar soberano, o autoritarismo tomou cada vez mais medidas descabidas e não fundamentadas, deixando claro que o outrora invocado “espírito da lei”, a justificativa para a existência de lei, ato normativo ou decisão judicial, perdeu sua serventia, pois não se sabe o quê é soberania e qualquer ato contrário a uma autoridade que se considere a nação pode ser tratado como ataque à soberania ou ao Estado Democrático de Direito, sem, ao menos definir como seria derrubado o Estado em mera cogitação ou sem meios eficientes, abolindo assim os conceitos de fase de cogitação e crime impossível, outrora válidos, do Direito Penal.

Se nem mesmo organizações criminosas como o Comando Vermelho, O Primeiro Comando da Capital, o Terceiro Comando Puro e outras tantas, que, de fato, exercem controle territorial e aplicam suas regras aos cidadãos que habitam em tais regiões, por mais que tenham características de organizações terroristas, não são consideradas como ameaças reais ao Estado Democrático de Direito, seria absurdo assumir que indivíduos armados, em um domingo, tomariam o poder e fariam a abolição forçada do Estado, além, é claro, executarem uma autoridade que sequer no país se encontrava, por isso, a narrativa acaba deixando pontas tão soltas que impedem que qualquer ser racional, não movido por interesse nefasto ou uma paixão doentia, seja convencido.

Restou a famigerada defesa de uma democracia sem povo, posto que, são pequenos tiranos, e da soberania nacional que se vê atacada quando autoridades têm vistos negados para entrarem em outro país, que está exercendo a sua própria soberania ao não aceitar visitantes indesejados em seu território, confundindo os incautos alegando que qualquer prejuízo a determinadas autoridades é um ataque à nação. A confusão entre a figura tirânica e o próprio Estado, muito bem colocada na frase “*Je suis la Loi, suis L’Etat; L’Etat c’est moi*” nunca foi tão evidente.

Por mais que pareça absurdo, vivemos em um momento no qual compreender o real significado das coisas tornou-se uma tarefa indispensável, pois, se não um povo ignora a verdade, nos tornamos uma nação perdida. É preciso enfrentar a raiz do problema para que não sejamos iludidos guiados por tiranos.

## Ser ouvido



No dia 18 de julho foi aniversário do meu filho. Em uma comemoração simples, reuni em casa alguns poucos parentes com bolo e salgadinhos. Um desses parentes é meu primo pequeno, de apenas oito anos, filho da minha prima mais nova.

Em um certo momento da festinha, ele me aborda e pergunta: "O que você sabe sobre deuses gregos?" Confesso que a pergunta me pegou de surpresa. Afinal, nos dias de hoje, não é com frequência que uma criança dessa idade se interesse por mitologia. No máximo, quer um livro de colorir da moda.

Neste momento, minha tia (avó dele) falou "Que besteira!". E meu pai destacou: "Quero é pix!" Contudo, minha irmã e eu saímos em defesa do primo: "É bom que ele se interesse por isso", disse minha irmã. Eu salientei: "Não acho errado ele demonstrar interesse por mitologia, pelo contrário! Ele vai aprender muito!" Porém, meu primo seguiu sendo ignorado. E isso me fez pensar.

"Meu Deus, eu ouço meu filho, eu presto atenção no que ele gosta. Como que meu primo não é ouvido?", refleti no meu íntimo. E, no meu caso, há o plus do autismo. Mais do que ninguém, eu conheço a criança da minha casa e faço questão de incentivá-lo.

Por conta do autismo, Renato, meu filho, possui hiperfoco em veículos. Então, o ânimo em seu gosto peculiar: assistimos vídeos de trajetos inteiros de trens e ônibus no Youtube, compro ônibus de brinquedo (que, inclusive, ajudam em momentos de crise quando estamos na rua) e, de vez em quando,

*Danielly Jesus*

saímos para dar uma volta de BRT. E já tomei conhecimento de uma feira de ônibus antigos que ocorre de tempos em tempos, somente aguardando a data para que possa levá-lo.

Aproveitei o hiperfoco para desenvolver sua leitura. Embora sempre me visse com um livro na mão, Renato rejeitava a ideia de ler. Era só eu me aproximar com o livro da escola que a crise era certa. Então, aproveitei o hiperfoco a meu favor.

O primeiro livro que comprei para ele se chama "Meus primeiros veículos". Renato praticamente decorou, ao ponto de eu mesma aprender.

Voltemos ao caso do meu primo: embora não tivesse nenhum livro à mão sobre mitologia grega, já sei onde encontrar um exemplar sobre o tema. Eu o ouvi e vou atender a esta voz.

Muitos de nós que nos autodeclarámos direitistas e conservadores e declaramos guerra automática contra Paulo Freire e companhia ilimitada, fazemos militância contra as telas, exaltamos a educação clássica e tantas outras coisas.

Mas será que ouvimos nossos filhos? Quantos de nós estamos, de fato, prestando atenção nos interesses deles? Será que não estamos fazendo da nossa ideologia uma muleta para não tocarmos na real ferida?

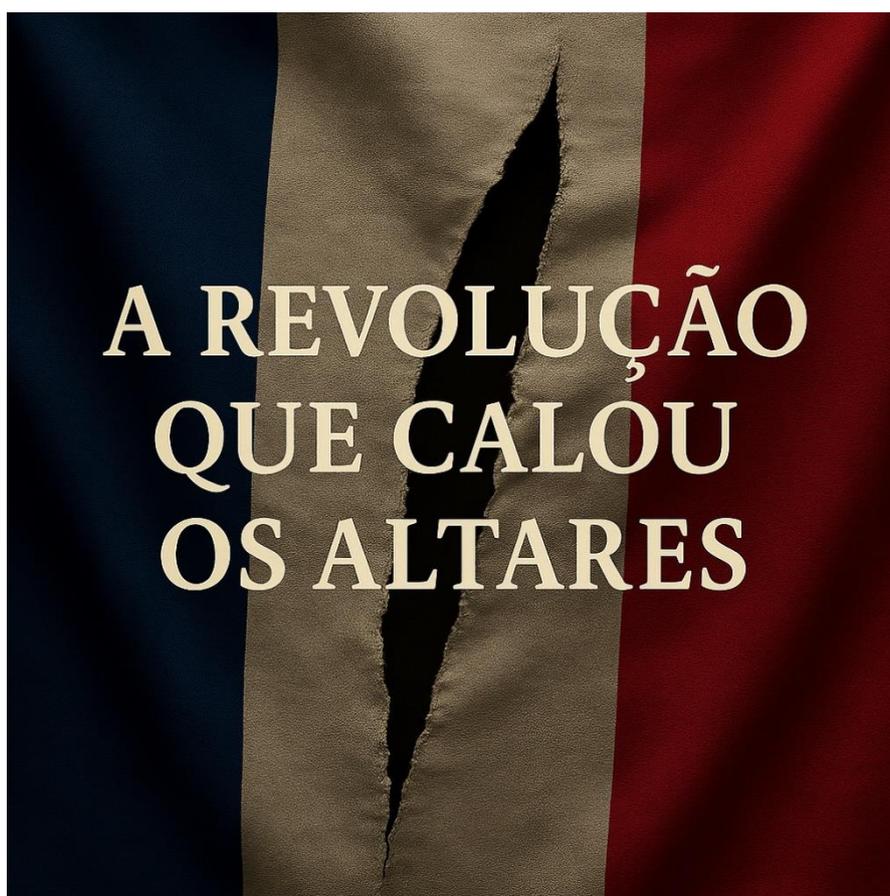
É fácil produzir vídeos, adquirir cursos e tantas coisas mais porque isso abafa a problemática real: não queremos assumir a nossa responsabilidade. Reclamamos dos progressistas, que insistem na terceirização do ensino, mas agimos tal qual a eles, quando perguntamos a terceiros como agir em nossa própria casa.

Ao invés de maratonar horas e horas de conteúdo de "influenciadores", mais produtivo é desligar os aparelhos e levar as crianças para brincar na terra. Mais sábio é levar os filhos ao parque e ensinar sobre a vida. Mais inteligente é levar as crianças à igreja e ensinar sobre a santidade. Não há dinheiro no mundo que pague essa aproximação com nossos filhos.

Ainda sobre o corrido com meu primo e apos comentários dos parentes: imediatamente lembrei do saudoso professor Olavo, que disse:

“Todo mundo sabe que brasileiro é o povo mais dinheirista do mundo. Não se pode dizer que ele só pensa em dinheiro porque ele também pensa em sexo. Mas se tirar o sexo, só pensa em dinheiro. Ou como dizia o Millôr Fernandes, ‘Ele pensa em falta de dinheiro.’ Então são pessoas obcecadas. E isso aí é um dos motivos do atraso brasileiro” (True Outspcak, 12-03-2007).

## A Revolução que calou os altares



A Revolução Francesa, ocorrida entre 1789 e 1799, é frequentemente apresentada como um marco de progresso, símbolo da luta pelos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade. No entanto, ao analisar com profundidade os eventos que marcaram sua relação com a Igreja Católica, percebe-se uma face contraditória e sombria: os mesmos revolucionários que proclamavam os direitos universais foram também responsáveis por uma intensa perseguição religiosa, que culminou em massacres, exílios e execuções de padres, freiras e fiéis leigos.

A Igreja Católica, até então uma das instituições mais influentes da França, possuía vastas propriedades e uma forte presença no cotidiano dos franceses. Não obstante, foi rapidamente associada ao Antigo Regime pelos líderes revolucionários e acusada de conivência com a opressão aristocrática. A imposição da Constituição Civil do Clero em 1790, que obrigava os sacerdotes a jurar fidelidade ao Estado, acentuou essa tensão. Aqueles que recusaram tornaram-se inimigos da Revolução e foram rotulados como “refratários”, alvos preferenciais do novo regime. A perseguição se intensificou com o Reinado do Terror, entre 1793 e 1794, período em que milhares de religiosos foram presos e executados, muitos deles guilhotinados publicamente apenas por defenderem sua fé.

A contradição entre os ideais proclamados e as ações praticadas torna-se evidente ao se observar que, apesar da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão garantir a liberdade religiosa, na prática

*Juliette Oliveira*

houve o fechamento de igrejas, proibição de cultos, destruição de símbolos religiosos e substituição do cristianismo pelo culto à razão. Cerimônias públicas passaram a entronizar alegorias como a "Deusa Razão", inclusive dentro da Catedral de Notre-Dame, o que revelou uma tentativa explícita de apagar a influência espiritual da sociedade francesa.

A resposta da Igreja Católica foi marcada por resistência e resiliência. Muitos padres continuaram a celebrar missas clandestinas, sustentados por fiéis que recusavam abandonar sua fé. O Papa Pio VI, em 1791, condenou oficialmente a Constituição Civil do Clero, criando um cisma entre os padres que aceitaram o juramento e os refratários. Religiosos exilados mantiveram vínculos com comunidades de fé fora da França, enquanto os que permaneceram tornaram-se, aos olhos de muitos, mártires da liberdade espiritual. Exemplos emblemáticos dessa perseguição incluem as 16 Carmelitas de Compiègne, guilhotinadas em 1794 por manterem a vida conventual em segredo, e os massacres de setembro de 1792, que vitimaram centenas de padres e religiosos encarcerados.

A violência revolucionária atingiu um nível tal que o uso contínuo da guilhotina gerou consequências físicas no espaço urbano de Paris. Relatos históricos indicam que o sangue das vítimas escorria entre os paralelepípedos das ruas, impregnando o solo com um odor tão forte e persistente que, anos após o fim do Terror, foi necessário refazer as calçadas para eliminar o fedor das execuções. A guilhotina, inicialmente idealizada como símbolo de igualdade na morte, transformou-se em instrumento de opressão brutal e de propaganda do medo.

Diante desses fatos, impõe-se uma reflexão inevitável sobre a natureza humana e a essência das revoluções. Todo movimento social, está sujeito à contaminação por interesses particulares, vinganças e disputas de poder. A imparcialidade é uma ilusão, e a justiça proclamada em discursos muitas vezes contradiz-se na prática. A perseguição aos religiosos na Revolução Francesa revela que a liberdade não era para todos, a igualdade não contemplava os que pensavam diferente, e a fraternidade excluía os devotos da fé cristã.

O legado da Revolução Francesa, portanto, é ambíguo. O discurso de liberdade, igualdade e fraternidade era belo e atraente, mas na prática existia um palco de violências atroz em nome da razão e do progresso. A Concordata de 1801, assinada por Napoleão Bonaparte, representou uma tentativa de reconciliação ao restaurar parte da liberdade religiosa, ainda que sob o controle do Estado.

Reconhecer as contradições da Revolução é essencial para compreender que a verdadeira liberdade só existe quando há respeito pela diversidade de crenças, e que qualquer sociedade que suprime vozes dissidentes em nome de uma verdade única corre o risco de repetir os mesmos erros sob novas bandeiras. Qualquer semelhança é mera coincidência.

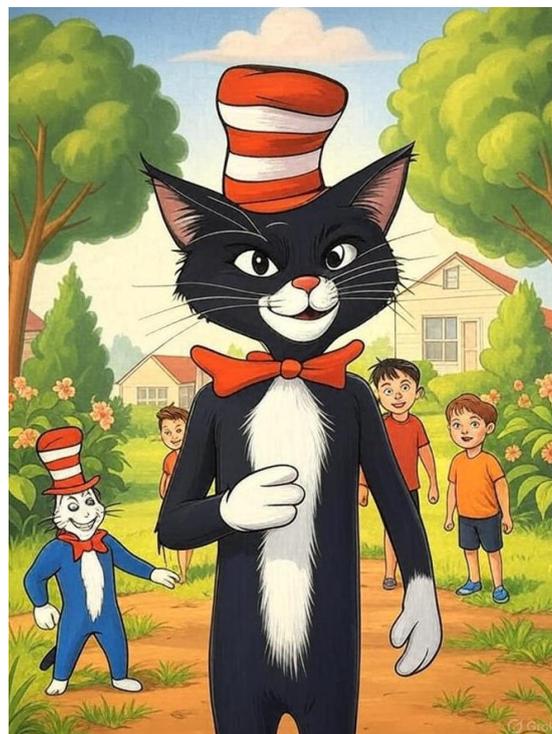
## THE CAT IN THE HAT

### UMA RELEITURA SOB A LENTE RED PILL

Aviso: este artigo contém *spoiler*, mas em quantidades pedagógicas.

Como uma história infantil pode esconder, sob rimas e traços simples, lições profundas sobre moral, ordem e a ameaças sutis.

Publicado em 1957, *The Cat in the Hat*, de Dr. Seuss, é um dos livros infantis mais emblemáticos da literatura americana do século XX. A narrativa se desenvolve quando duas crianças — Sally e seu irmão Conrad — são deixados sozinhos em casa num dia chuvoso. O tédio e o silêncio da disciplina são quebrados com a chegada de um visitante inusitado: um Gato falante, de cartola listrada, que promete diversão.



A partir do livro infantil de 1957 foi feita uma adaptação para TV em 1971 e posteriormente um filme em 2003. Está previsto para 2026 o lançamento de mais uma versão em filme, produzido pela Warner Bros.

Mas nosso objetivo é entender a história original sob as lentes "red pill" e buscar o signo entre significados e significantes.

Pois vamos aos elementos centrais do livro.

O Gato surge sem convite e, em nome do entretenimento, desorganiza o lar. Ele traz consigo duas criaturas vestidas de vermelho — *Thing 1* e *Thing 2* — que causam verdadeiro caos. A única voz sensata é a do peixe, que os alerta o tempo todo: "Isso não está certo". Antes que a mãe retorne, o Gato limpa toda a bagunça, restaurando a aparência de ordem.

Uma fábula sobre infância? Certamente. Mas também — como tantas outras obras literárias — um espelho das tensões ideológicas de seu tempo e do nosso.

Theodor Seuss Geisel, mais conhecido como Dr. Seuss, foi um escritor e cartunista americano cujas obras infantis encantaram gerações. Atuou como ilustrador político durante a Segunda Guerra Mundial, posicionando-se contra o nazismo, o fascismo e, mais tarde, contra o autoritarismo comunista. Obras como *The Lorax* e *Yertle the Turtle* contêm mensagens sociais e políticas codificadas sob a forma de alegorias infantis.

Ainda que *The Cat in the Hat* tenha sido criado como uma resposta pedagógica para estimular a alfabetização infantil, é impossível ignorar as camadas simbólicas que suas páginas sugerem — especialmente quando observadas sob uma lente conservadora, crítica ao avanço das ideologias disfarçadas de cultura.

Assim como *A Revolução dos Bichos* (George Orwell), 1984 ou *Admirável Mundo Novo* (Aldous Huxley), *The Cat in the Hat* pode ser lido como uma metáfora sobre o conflito entre valores tradicionais e ideologias subversivas. Não estamos diante de uma análise forçada, mas de um recurso interpretativo consagrado: usar personagens e símbolos para retratar modelos de sociedade, crítica política e crises morais. Vamos aos paralelos.

A casa onde as crianças vivem representa o espaço do capitalismo ordenado, onde a disciplina, a propriedade privada e os valores familiares sustentam a estrutura. Mesmo sem a presença da mãe — símbolo da autoridade — as crianças mantêm-se obedientes. Existe uma noção clara de certo e errado, de regras e limites. Trata-se de uma alegoria da sociedade conservadora, que preserva a liberdade dentro de um marco moral e ético.

O Gato, com seu sorriso largo e comportamento brincalhão, entra sem permissão e toma o controle do ambiente. Sua proposta de “diversão” parece inofensiva, mas é instrumento de desestruturação.

Ele representa, sob esse ponto de vista, o marxismo cultural: uma ideologia que, inspirada por pensadores como Antonio Gramsci, busca influenciar a sociedade não pela força, mas pela cultura, relativizando valores tradicionais através do entretenimento e da educação. Ele reconfigura o mundo em nome da novidade, relativiza a autoridade, desafia as normas — e tudo isso com aparência carismática e colorida. Suas ações, como equilibrar objetos e liberar *Thing 1* e *Thing 2*, desrespeitam a ordem da casa, seduzindo as crianças com a promessa de liberdade sem limites.

As “*coisas*” que o Gato libera são criaturas sem identidade própria, vestidas de vermelho e numeradas. São símbolos que sugerem a coletivização: não são indivíduos, são engrenagens numeradas do caos, obedecendo apenas ao comando da figura ideológica superior (o Gato).

Suas roupas vermelhas não são acaso: remetem ao comunismo, à revolução e à ruptura da identidade pessoal em favor de um projeto ideológico. São o eco das massas manipuladas, desprovidas de consciência, que servem à causa maior sem perceberem as consequências.

O próprio gato, ostentando sua cartola listrada, poderia estar fazendo referência à conhecida imagem do “Tio Sam”? Coincidência? Popularizada a partir da Primeira Guerra Mundial, a imagem do homem de cartola chamando os jovens americanos à defesa da liberdade é emblemática da defesa de valores muito caros aos Estados Unidos. É estratégia comum em movimentos revolucionários, a apropriação de elementos históricos e culturais resignificando-os, e não poderia ser deixada fora de *The Cat in the Hat*. O animal ardiloso sob a imagem simbólica do Tio Sam, uma combinação estratégica.

O peixe é a única voz moral da narrativa. Pequeno, frágil e impotente, insiste em alertar: "Isso está errado." Sua presença é uma clara alegoria ao papel da tradição cristã na sociedade ocidental.

Desde os primeiros séculos, o peixe (ΙΧΘΥΣ) foi símbolo secreto dos cristãos perseguidos. Neste conto moderno, continua sendo a voz que não se cala, mesmo quando ignorada — o farol moral que aponta para a verdade, mesmo em meio ao caos. Suas repetidas advertências, como “Vocês não deveriam estar fazendo isso!”, tentam preservar a ordem da casa contra a influência desestabilizadora do Gato.

É o cristianismo como estrutura espiritual e ética que sustenta a ordem, e que é frequentemente ridicularizado ou ignorado pelas ideologias que pregam o hedonismo ou o igualitarismo forçado.

Ao final, o Gato retorna e limpa toda a bagunça, restaurando a casa como se nada tivesse acontecido. Essa ação pode ser lida como uma metáfora da manipulação ideológica revisionista: causar o problema, apagar os rastros e posar como o salvador da situação. Ao restaurar a ordem, o Gato não apenas apaga o caos, mas se coloca como o novo protagonista, assumindo o controle da narrativa e eclipsando a autoridade tradicional da mãe e do peixe. Essa subversão do protagonismo reflete como ideologias podem usar crises para se legitimar, apresentando-se como indispensáveis à ordem que elas mesmas desafiaram.

Essa é uma estratégia conhecida dos movimentos revolucionários: usar o caos como pretexto para impor uma nova ordem, alegando que resolveram um problema que eles próprios criaram.

Ao contrário do discurso que rotula o conservadorismo como retrógrado, esta leitura revela sua natureza real: preservar o que é bom, funcional e moralmente sustentável. O capitalismo, ainda que imperfeito, gerou e gera prosperidade, liberdade e inovação — justamente porque se assentou sobre valores morais herdados do cristianismo e da tradição ocidental.

O marxismo cultural, por outro lado, infiltra-se pela cultura, relativiza os valores e destrói as bases — oferecendo em troca promessas utópicas que nunca se cumprem.

É fundamental esclarecer que Dr. Seuss não declarou ter escrito *The Cat in the Hat* com intenções políticas conscientes. A obra foi concebida como instrumento de alfabetização lúdica. No entanto, a leitura simbólica de narrativas é um recurso legítimo e amplamente utilizado nos estudos literários, culturais e ideológicos.

Assim como Orwell, Huxley e tantos outros autores foram reinterpretados ao longo das décadas, Dr. Seuss também pode ser lido sob a luz das grandes disputas morais e culturais do nosso tempo. E ao fazê-lo, revelamos como até mesmo um livro para crianças pode se tornar um espelho da alma de uma civilização em luta por sua identidade.

2026 está logo ali. Quando finalmente o filme estreiar nas telas dos cinemas brasileiros, compre sua pipoca e divirta-se em família. Só não podemos garantir que seus olhos verão o filme da mesma forma que outras centenas de milhares de espectadores. Boa "diversão"!

# SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS!

[www.revistaconhecimentoecidadania.com](http://www.revistaconhecimentoecidadania.com)



[Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania](#)



[revistaconhecimentocidadania@gmail.com](mailto:revistaconhecimentocidadania@gmail.com)



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@RevConhecimento](#)



<https://www.vakinha.com.br/4961006>



[@RevistaConhecimentoCidadania](#)



[Revista Conhecimento & Cidadania](#)

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO &  
CIDADANIA

*Com conhecimento se constrói cidadania*



**DEMOCRACIA?**  
**?**  
**CONSTITUIÇÃO**  
**?** **RACISMO** **?**

